



A LITERATURA NA PROMOÇÃO DA IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL

LITERATURE IN PROMOTING IDENTITY AND CULTURAL DIVERSITY

Armando Armando

João Samuel

Universidade Zambeze – Moçambique

RESUMO

O presente artigo faz uma abordagem teórica sobre o papel da literatura na promoção da diversidade e da identidade Cultural, como forma de expressão cultural das sociedades. Atualmente, o debate em torno das identidades e o papel da literatura faz com que haja maior desenvolvimento de expressão cultural de um povo, uma cultura e uma sociedade. Com o artigo, analisamos teoricamente o papel da literatura na construção da identidade e da expressão da mesma num mundo cujo intercâmbio cultural é cada vez mais exigente no âmbito do desenvolvimento de políticas que permitem a comunicação intercultural. Nesta, as identidades entram em jogo, isto é, vão se relacionando, cada uma mostrando a sua realidade. Os literários são apologistas cujas identidades entram no cenário etno-cultural para expressar a autonomia de ser em comunidade e a literatura é uma das formas de expressão, quer nacional assim como ao nível transnacional. Neste âmbito para o desenvolvimento do artigo, propusemo-nos a recorrer ao método indutivo, cujas análises da expressão cultural permitiram analisar no contexto global e o recurso à construção/desconstrução faz parte das técnicas usadas, baseando-se na hermenêutica, com base na revisão documental. As literaturas jogam um papel inegável na construção, na formação, na comunicação e no desenvolvimento das identidades, assim como na promoção da diversidade cultural.

Palavras-chave: Literatura, Diversidade, Identidade e Cultura.



ABSTRACT

This article takes a theoretical approach on the role of literature in promoting diversity and cultural identity, as a way of cultural expression of societies. Currently, the debate around identities and the role of literature leads to a greater development of cultural expression for a people, a culture, and a society. With the article, we theoretically analyze the role of literature in the construction of identity and its expression in a world whose cultural exchange is increasingly demanding in the context of the development of policies that allow intercultural communication. In this, identities come into play, that is, they are related, each showing its reality. Literary scholars are apologists whose identities enter the ethno-cultural scene to express the autonomy of being in community and literature is one of the forms of expression, both nationally and at the transnational level. In this context for the development of the article, we proposed to use the inductive method, whose analyzes of cultural expression allowed to analyze in the global context and the use of construction / deconstruction is part of the techniques used, based on hermeneutics, based on the review documentary. Literatures play an undeniable role in the construction, formation, communication, and development of identities, as well as in the promotion of cultural diversity.

Keywords: Literature. Diversity. Identity and Culture.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre o papel da literatura na promoção da expressão da identidade e diversidade cultural, pois é através da escrita que a expressão cultural torna-se evidente no tempo e no espaço. No entanto, esta prática coloca em desenvolvimento os mecanismos de crescimento global e de relacionamento entre as culturas. Este artigo parte de dois pressupostos literários e antropológicos, dentre eles, o facto de se considerar que o homem é



um ser único que se expressa por si mesmo dentro de um contexto e, o facto de o homem se considerar igual aos demais, o que faz com que a sua identidade tenha um substrato inicial com base na experiência elementar baseado na experiência comunicacional que é fundamental na identidade e diversidade cultural.

Neste âmbito a concepção de que o homem, ao se deparar com a literatura, se encontra diante de uma gama de possibilidades no aprofundamento da sua identidade e nela podem ocorrer as transformações necessárias em função do tempo possibilitado pela literatura, pois o carácter crítico coloca o mesmo a se posicionar em função de uma dada realidade e na percepção de que o texto literário oferece, particularmente, ao sujeito escolar, o encontro com a experiência imodificável das dores, alegrias, esperanças faz com que a construção da identidade seja baseada na reflexão da literatura que contextualiza a história, seja do povo, do leitor ou do outro.

No século XIX, a imprensa e a literatura estiveram próximas, sendo a primeira uma alternativa profissional para os escritores que não podiam sobreviver da produção literária. Em 1975, quando alcançou sua independência política, Moçambique ainda era distante de um "sistema literário", conceito criado pelo teórico António Cândido, que afirma que um sistema literário passa a existir quando um grupo de escritores escreve para um público que reage influenciando-os a produzir novas obras, e assim sucessivamente.

Portanto, para a realização do presente estudo baseamo-nos na pesquisa bibliográfica, fazendo dela a hermenêutica, de acordo com o contexto da nossa pesquisa.

Contextualização da Literatura no Contexto Cultural

A Literatura é um dos meios de construção e de representação de uma nação ou de um povo como comunidade e sociedade inclusiva e de identidade com os valores tradicionais e culturais, pelo que para Mendonça (1988, p. 34) “a emergência da literatura vai ser determinada pela política educacional do Estado colonial.”

Olha-se pelo colonialismo e do sistema colonial, para se falar da literatura moçambicana, pois a literatura feita na época colonial tinha que seguir os cânones do próprio sistema colonial e a



política assimilacionista que pressupunha basicamente a ruptura com todos os valores referentes à tradição e costumes locais, de onde provém a literatura oral e toda expressão que esta carrega.

Neste contexto, o debate em torno da literatura, nos coloca numa dimensão analítica por meio da qual põe os mecanismos de desenvolvimento estratégico das transmissões dos valores culturais de cada sociedade. Esse carácter de semelhança é definido por Charles Taylor (1997, p. 42) na obra em que estuda a formação da identidade moderna: *As fontes do Self*, como as configurações humanas que proporcionam “o fundamento, explícito ou implícito, de nossos juízos, intuições ou reacções morais”, possibilitando-lhe a vida social e a comunicação.

O pensador segue esclarecendo que “a pessoa desprovida por inteiro de configurações estaria fora de nosso espaço de interlocução, não teria uma posição no espaço. Julgaríamos isso patológico.” (TAYLOR, p.49). O autor coloca a identidade ligada ao valor de modo inextrincável. E o valor aflora a hipótese de significado para a vida.

A construção da identidade é a construção do significado existencial da pessoa. Nenhum homem vive sem nenhum fragmento de significado, aliás, esses fragmentos são definitivamente insuficientes, a vida inviabiliza-se. Taylor (1997), ainda em sua abordagem sobre as *Fontes do Self*, chega a afirmar que o vazio de identidade é de tal gravidade para a estrutura humana que, estar desorientado no seu espaço moral acerca de questões do que é bom ou ruim, pode fazer o homem “desembocar numa perda de controle da própria posição no espaço físico”. (p.44). A tarefa de tecer esses fragmentos ajudando a pessoa a aprofundar suas hipóteses de valores é uma tarefa fundamente, particularmente, na escola e na família.

O homem é um ser que necessita de companhia para que, no encontro com o outro, tenha seu horizonte de significados ampliados. O encontro é definido por Romano Guardini como “o entrelaçamento de duas realidades que se enriquecem mutuamente, o ambiente natural de formação do ser humano e ocorre quando um homem apresenta-se perante uma coisa ou um ser vivo e é ferido pela sua presença” (1958, p.33). Neste âmbito a literatura tem mostrado o seu desenvolvimento estratégico para a incorporação de mecanismos de expressão da identidade no âmbito da relação intercultural sediada através da leitura no momento em que as duas culturas se encontram, isto é, a cultura do escritor e a cultura do leitor que se fundem na interpretação do



outro num contexto diferenciado. Por conseguinte, a literatura deve ser entendida como uma arte que reflecte as representações da cultura de um povo, baseados nos seus atributos genéricos. Todavia, é uma das formas de manifestar a cultura no contexto da expressão escrita. Assim, encontramos uma expressão inegável sobre a relação que existe entre a literatura e a cultura, unidas por meio da língua, seu elemento hermenêutico.

A Cultura como Fonte de Inspiração do Autor da Obra Literária

Moçambique é um país de grande diversidade cultural, e como a maioria dos países africanos, não possui uma identidade específica, apresentando aspectos que o ligam a outros países vizinhos ou mesmo a outros continentes. Além da influência portuguesa, Moçambique está bastante ligado à Índia e ao Oriente Médio. De referir que o país é dotado de ricos e extensos bens culturais que necessitam de um maior controle de sua circulação dentro e fora dele.

Para De Miranda (2002, p. 205) a cultura na língua latina entre os romanos tinha o sentido de agricultura que se referia à cultura de soja, cultura de arroz, etc. Em ciências sociais, a cultura é definida como um conjunto de ideias e comportamentos, símbolos de práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade (seria então a herança social da humanidade). A cultura é um conceito que está sempre em desenvolvimento, pois com o passar do tempo ela é influenciada por novas maneiras de pensar inerentes ao desenvolvimento do ser humano.

Cada país tem a sua própria cultura que é influenciada por vários factores, por exemplo, a cultura brasileira é marcada pela boa disposição e alegria, isto se reflecte na música (samba). Na cultura portuguesa, o fado é o património musical mais famoso que reflecte a característica do povo português: o saudosismo. Na cultura moçambicana a marrabenta representa o património musical, o mapico e o nhau representam a dança e a galinha zambeziana representa uma das gastronomias moçambicanas.

Se reunirmos o sentido amplo e o sentido restrito, compreenderemos que a Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística. A religião, a culinária, o vestuário, o



mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as cerimónias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e com a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, o trabalho, as ciências, a Filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a Cultura como invenção da relação com o Outro.

Tradicionalmente, a cultura é concebida como formas e estilos de vida, entretanto, elas são baseadas nas abordagens mais tendenciais para a sua formação como a base de construção de toda síntese sobre a identidade social. Outrossim, de negação de alguns elementos evolutivos tendo como base a afirmação de que a cultura não é estática, mas sim é dinâmica.

A Concepção positivista da Cultura é tida como a oposição à natureza a partir de sua exploração predatória e prática. Na concepção de Gomes (2005) mencionando W. Von Humbolt, afirma que “a cultura é o controle científico da natureza”. F. Barth, por sua vez, reduz a definição baseado no distanciamento com a ciência, ao conceber a cultura como o controlo que o homem exerce sobre si mesmo. Na Visão de Malinowski, “a cultura é um conjunto funcional formado pelas diferentes instituições de uma sociedade”.

Numa visão Marxista, descrita por Gomes (2005), a cultura é vista como uma influente visão sobre o período em que vivemos, partindo da constatação de que vivemos uma luta permanente entre classes sociais. A cultura, nessa perspectiva, seria sempre uma desagregação da comunicação intercultural, caracterizada por uma relação hegemónica.

Literalmente a construção das identidades com base nos pressupostos da definição da cultura numa visão antropológica e estruturalista, a cultura é entendida como o conjunto das relações sociais que servem de modelo estruturante de um determinado modo de vida.

A cultura como um conjunto dos três códigos estruturais das relações sociais como a economia, parentesco e signos, estabelece uma relação intercultural baseadas no valor económico vinculando o processo ideológico como vital nas relações interpessoais e interculturais.



Edward Tylor (1997) concebe a cultura como um conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Todavia, a concepção de Kroeber, a cultura deve ser entendida como um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.

Dos conceitos convergentes do ponto de vista da finalidade ora apresentados, coloca-se a questão a concepção de Levy Bruhl, pois concebe a segregação ideológica entre as culturas criando a visão hegemonia no âmbito da comunicação intercultural, pois elas concebem a fonte de conhecimento de uma estrutura ascendente para uma visão mais estruturalista.

A Literatura na Comunicação Intercultural

Na Obra literária, língua neste contexto exerce o papel de instrumento de comunicação entre os indivíduos que acumula no seu carácter expressivo de representação cultural, no sentido que engloba outros elementos da cultura, que são facilitados através da leitura¹.

Para a compreensão específica deste estudo, pode-se tirar o seguinte extracto em Peganini (2011):

O estudo das relações culturais na literatura leva em conta uma discussão entre texto e contexto. Desse modo, o texto como forma de permanência cultural é, ao mesmo tempo, produtor e produto da cultura. Como tal, expressa as visões de mundo conflituantes, que se encontram e se chocam, num amplo diálogo entre umas e outras. Por isso mesmo, a literatura é uma das dimensões culturais capazes de propiciar condições para o desenvolvimento do indivíduo.

Assim sendo, a ideia é que a literatura é uma representação simbólica, repleta de mistérios e de dificuldades de desvendamento. A literatura tem sido tratada como um universo de signos agradáveis que auxiliam o ensino da língua materna. A ação cultural, o exercício estético, desenvolvido no ensino de literatura moçambicana, ainda é muito precária, chegando, quando muito, a “pré-textos” para se trabalhar a gramática na sala de aula.

¹Ler é um trabalho de construção de significado e atribuição de sentidos, mediante a utilização de elementos linguísticos, mas também de reconhecimento de actividades culturais que englobam, entre outros pontos, a perspectiva de onde se enuncia e a intencionalidade das formas escolhidas de representação de que se pretende ter acesso.



Neste âmbito, compreendemos que a literatura é tratada como uma “reserva” de modelo do tempo, onde o escritor na qualidade de produtor da literatura, nada faz que representa o seu mundo, os escritores não intervêm sem história, modelos de bem-dizer e de bem-pensar, pois são caracterizados como detentores de fonte de inspiração, razão pela qual o leitor a priori apreende num texto literário o contexto e uma sociedade.

Apesar de a literatura ser caracterizada pela subjetividade, e como qualquer obra de arte, é um produto socialmente instado para efeitos comunicativos, caminhos que se abrem para a configuração de um real sentido estimulado pela experiência. Por isso mesmo, necessita de um destinatário², um ser concreto³, com planos vivenciais, com um olhar produzido por sua própria situação contextual, além da sensibilidade provocada por sua cultura, que irá se defrontar com essa obra, abrindo, assim, um caminho de diversidades e diálogo que se manifesta com uma riqueza de ressonâncias, de forma hermenêutica, como observa Hans Robert Jauss, para quem a obra de arte se constitui na interação autor-texto-leitor.

Na concepção de Cândido, (1976), a literatura:

Deve ser entendida como um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e actua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana.

Neste âmbito, a literatura é entendida como uma contextualização da sociedade, outrossim, estas práticas são baseadas no desenvolvimento estratégico de comunicação contextualizada sobre uma dada realidade e é neste sentido que a subjectividade busca desenvolver estratégias de desenvolvimento colectivo, razão pela qual, a triplicidade é pontual, através de seguintes elementos: autor, obra e público. A Atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a

²Trata-se do receptor, na qualidade do leitor que condiz o que entende a um contexto próximo de reflexão ou a seu redor.

³Trata-se da caracterização do contexto pelo qual as mesmas incidem sobre os seus leitores.



criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público.

A Literatura como Fonte de Manifestação social: Um Olhar sobre a Resistência⁴ Histórica em Moçambique

A Literatura Moçambicana insere-se na Literatura Africana que exerce até os dias atuais importante papel para a literatura de uma forma geral. Apesar de sua grande importância cultural, a Literatura Africana não tem recebido, principalmente no que se refere aos países de Língua Portuguesa, a sua devida atenção. Essa vertente da Literatura se apresenta em idiomas que configuram o continente africano, como é o caso do Português, Francês, Inglês, entre outras. A Literatura Africana tem suas raízes no movimento que ficou conhecido como negritude.

Por sua vez, a Literatura de Moçambique, enquadra-se na Literatura Africana, está dividida em períodos, segundo Ferreira e Mendonça, respectivamente e, tem fortes ligações com a imprensa. Portanto, a Literatura Moçambicana é, geralmente, a literatura escrita em Língua Portuguesa, vulgarmente misturada com expressões moçambicanas, por autores moçambicanos. É ainda muito jovem, mas já conta com exímios representantes como José Craveirinha, Paulina Chiziane e Mía Couto, sendo vital na exigente Literatura Lusófona.

Fazendo uma resenha sobre a Literatura Moçambicana, inspirando-se em Ferreira (1977), podemos afirmar que Moçambique, com um índice menor de europeus do que em Angola, com uma fixação de população branca mais instável, não deveriam ter sido criadas as condições culturais suficientes para o desenvolvimento de uma actividade literária, cujo eco chegasse até aos nossos dias. Não obstante, a imprensa da época faz-se eco de críticas ao poder e à administração; e a literatura, através de poemas publicados de vez em quando, ensaia os primeiros passos da sua existência. O desenvolvimento das primeiras literaturas moçambicanas

⁴Resistência é um conceito originalmente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia.



foi caracterizado por condenação do contexto histórico, pelo qual Moçambique estava sujeito, outrossim, foi caracterizada pela violência⁵ do colonialismo.

A crueldade encontra-se nos mais diversos registos literários. Grande parte da cultura e das artes é construída de forma violenta, como indica Benjamin (1985). O bouquet da literatura e das artes exala o cheiro de fumaça. A violência aparece na literatura de várias formas. Primeiro de forma explícita, quando é declarada por uma personagem ou um estado de coisas ou situação, (SOUSA, 2008).

No contexto literário de Moçambique, existem inúmeros registos de literaturas de combate, que procuram negar as crueldades físicas praticadas no processo de colonização até as imposições simbólicas praticadas pela política socialista, onde a presença da violência na cultura moçambicana, muitas vezes é imperceptível a olho nu, mas os escritores registaram também a resistência aos fenómenos da crueldade histórica baseados na linguagem literária subjectiva.

A Literatura neste contexto é um forte instrumento de desfossilização do passado cultural e político e, ao promover essa operação, o autor atua com um olhar atento e inovador do intelectual que não é tradicional ao “aproveitar a sabedoria popular em suas obras”. No caso, o saber popular está relacionado a uma forma literária (“romance”) composta em redondilhas maiores. O modo descontraído com que trata o tema também aponta para um saber oriundo das camadas populares. O que entra em jogo no livro é a representação do oprimido que toma a palavra. Sua poesia pode não se pretender popular, mas se torna popular no sentido de dar voz aos que não tinham como se expressar.

A Literatura como Mecanismo de Resistência Cultural

A cultura e a literatura vêm assumindo atualmente relevância nos debates nacionais e internacionais e, por isso, acentua-se a necessidade de conhecer melhor qual a função da arte literária nos mais diversos meios sociais. Faz-se necessário mostrar a importância que a literatura mais consagrada tem na sociedade, mas também acentuar que certos tipos de expressão social e

⁵A violência é uma ação que simplesmente não considera o outro, numa relação em que retira a fala do outro.



cultural como a marrabenta, o rap e outras modalidades menos reconhecidas se constituem como vozes de comunidades silenciadas no meio urbano.

A obra de arte literária também manifesta conforme, ou desconforme, à época a sua insatisfação em relação às realidades impostas por grupos organizadores das informações na sociedade (Rádio, TV, Jornais). Apresentar a literatura como fenômeno de resistência tanto social como literária e cultural exige, de certo modo, uma atenção às relações sociais e culturais nelas presentes em tensão constante e eu no contexto moçambicano exige-se uma prática contínua.

A literatura protesta contra os regimes autoritários e, principalmente, contra o mundo das mercadorias que transforma os seres humanos em objectos de compra e venda. A linguagem literária resiste ao estado de coisa em que vivemos, o qual não é nada favorável à arte. Mas não se pode esquecer que a literatura não opera somente como instrumento de intervenção social ou político. Também elabora um trabalho de “resistência interna”, isto é, a própria linguagem literária é uma das formas de resistência cultural na medida em que não se deixa interpretar de forma maleável. A literatura é um dos modos de reinterpretar o mundo e reinventar as culturas através da arte da linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa desenvolvida, ficou evidente que a Literatura representa uma identidade social de uma comunidade, de um povo e que a sua expressão consiste na atitude crítica dos contextos por parte do escritor e dela promove a diversidade cultural. Todavia, estas práticas, desenvolvem mecanismos de desenvolvimento da subjetividade. A cultura é expressa para outros espaços globais através a expressão literária baseada nos valores de desenvolvimento do pensamento do autor no âmbito das transformações os contextos que caracterizam uma cultura. A literatura é caracterizada pela subjetividade, sendo um produto socialmente instado para efeitos comunicativos, caminhos que se abrem para a configuração de um real sentido estimulado pela experiência. Por isso mesmo, necessita de um destinatário, um ser concreto, com planos vivenciais, com um olhar produzido por sua própria situação contextual, além da



sensibilidade provocada por sua cultura, que irá se defrontar com essa obra, abrindo, assim, um caminho de diversidades e diálogo que se manifesta com uma riqueza de ressonâncias, de forma hermenêutica. Portanto, estas práticas contextualizam o papel da literatura na gestão da diversidade cultural através de comunicação de identidades e sentimentos de uma sociedade que por vezes se dá através da recepção sociológica da literatura no contexto transnacional.

A Literatura produzida em Moçambique, como as demais Literaturas Africanas nos países colonizados por Portugal, era uma extensão da Literatura Portuguesa. Sob a forma escrita, a produção literária sedimenta-se, a partir da década de 1940, por meio de periódicos publicados por intelectuais e escritores, em geral de contestação ao colonialismo português, a exemplo do "Brado literário" que circulou no país entre 1918 e 1974 com textos de Rui Nogar, Marcelino dos Santos, José Craveirinha, Orlando Mendes e Virgílio Lemos, entre outros. Por tanto, é um dado inegável que estas influências nos permitem afirmar a sua participação na identidade Moçambicana e promove a diversidade enquanto literatura crítica social.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo, Brasil: Nacional, 1976.

ECO, U. *Sobre a Literatura – Ensaios*, Rio de Janeiro, Brasil: Record, 2003.

FORNAZIERI, C. C. *Literatura e Formação da Identidade: Um Encontro Promissor*. São Paulo, Brasil: Notandum, 2009.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LUCAS, F. *Literatura e comunicação na era da electrónica*. São Paulo: Cortez, 2001.

TAYLOR, CHARLES. *As Fontes do Self: a Construção da Identidade Moderna*, São Paulo: Loyola, 1997.

FEREIRA, M. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Portugal, 1977.

Armando & Samuel (2020).



LEITE, A. M. “A dimensão anti-épica da moderna ficção moçambicana: *Ualalapi de u.b.k. khosa*”, *Discursos*, 1995.

MENDONÇA, F. *Literatura Moçambicana: a História e as Escritas*. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 1988.

VENÂNCIO, J. C. *Literatura e poder na África Lusófona*. Lisboa, Ministério da Educação - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.